



*Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Arte
Escola de Teatro e Dança
Curso de Licenciatura em Teatro*

Patrick Garcês de Oliveira



manuscrito cartográfico para o não esquecimento

*Belém-PA
2017*



*Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Arte
Escola de Teatro e Dança
Curso de Licenciatura em Teatro*

Patrick Garcês de Oliveira



Um Colar Para Nanã: manuscrito cartográfico para o não esquecimento



Memorial apresentado à Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Teatro

Orientadora: Prof^a Dr^a Wladilene de Sousa Lima.

*Belém-PA
2017*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Universitária do ICA/ETDUFPA, Belém-PA

Oliveira, Patrick Garcês de

Um colar para Nanã: manuscrito cartográfico para o não esquecimento / Patrick Garcês de Oliveira; orientadora Prof^a Dr^a Wladilene de Sousa Lima. 2017.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso Licenciatura em Teatro, 2017.

1. Teatro – Processo criativo. 2. Teatro - memórias. I. Título.

CDD - 22. ed. 792.01



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE LIC. TEATRO

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dez dias do mês de abril do ano de dois mil e dezessete, às dezenove horas, reuniu-se a Banca Examinadora, composta pelos professores: Wladilene de Sousa Lima (orientador e presidente), Adriana Maria Cruz dos Santos examinador(a), Olinda Margareth Charone examinador(a), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do (a) aluno (a) PATRICK GARCÊS DE OLIVEIRA, intitulado: UM COLAR PARA NANÃ: manuscrito cartográfico para o não esquecimento

Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi APROVADO com conceito EXCELENTE
com as seguintes observações _____

O ALUNO E SUA POÉTICA RECEBEM EXCELENTE COM LOUVOR

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 10 de abril de 2017.

Wladilene de Sousa Lima
Orientador (a)

Olinda M. Charone
Examinador (a)

Adriana Maria Cruz dos Santos
Examinador (a)

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: 
Patrick Garcês de Oliveira

Local e Data: 17 de abril de 2017

UM MERGULHO DE GRATIDÃO

São muitos aos que devo agradecer pela colaboração imensurável na construção deste trabalho que move as águas do meu rio interior..

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter aberto as portas do teatro para mim e por ter me dado força para continuar nessa caminhada, sempre colocando anjos para segurarem minhas mãos em momentos que pensei não conseguir mais caminhar.

Ao meu pai, Antonino P. de Oliveira, por ter sido o melhor pai do mundo, sempre acreditando em meus sonhos e nunca medindo esforços para que eu conseguisse realizá-los.

À minha amiga e parceira, Wlad Lima, por ter me apresentado pistas importantes na orientação dessa minha redescoberta de mim.

Às professoras Ivone Xavier, Adriana Cruz e Olinda Charone por toda paciência, amor e generosidade.

→ À turma de Licenciatura em Teatro 2013, por ter me recebido e me acolhido, sempre compartilhando cicatrizes, felicidades e muito amor. Euvé!

GUIA PARA O CAMINHAR



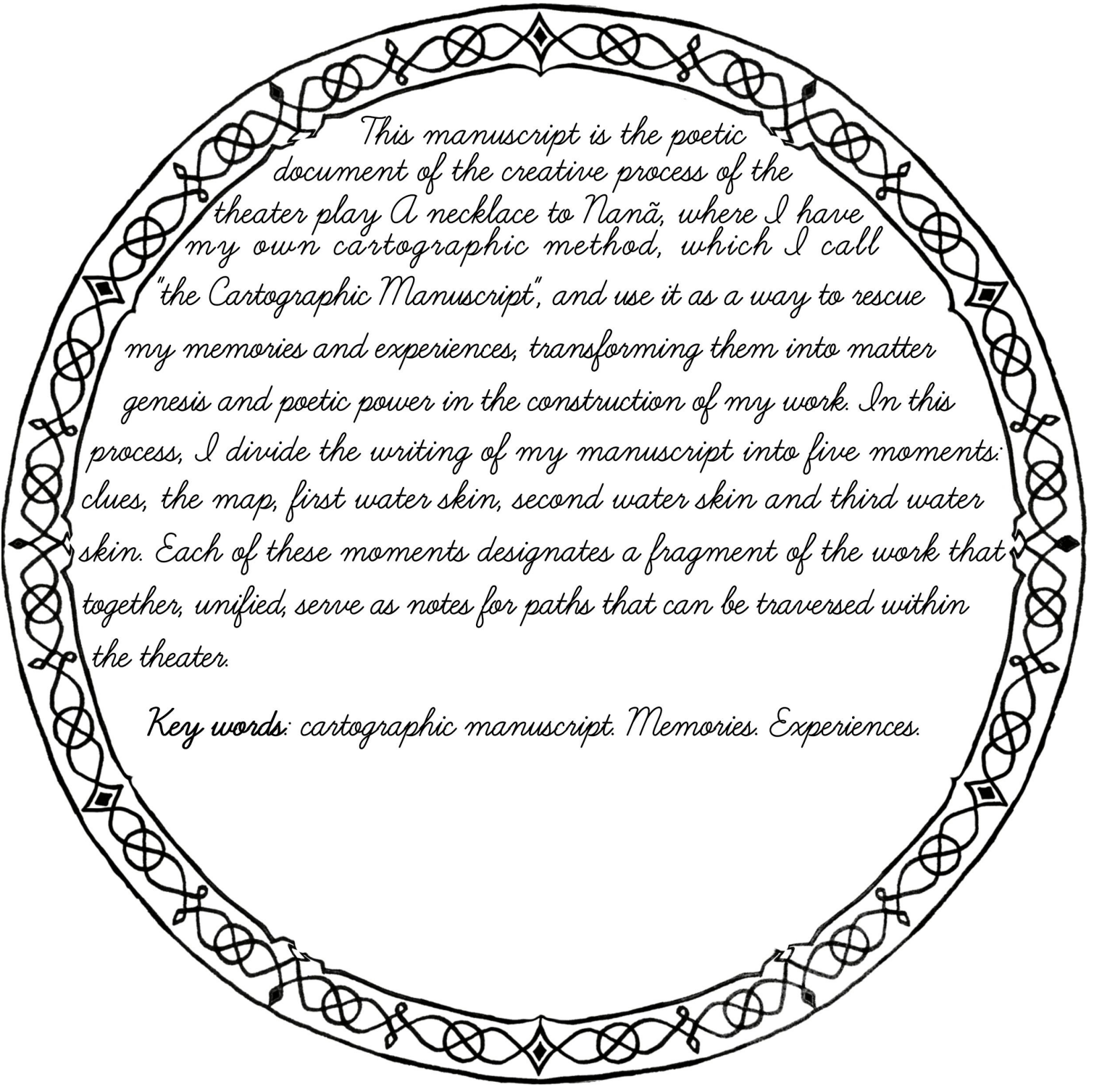
UM MERGULHO RÁPIDO

Esse manuscrito é o documento poético do processo criativo do espetáculo *Um Colar Para Nanã*, onde disponho da criação de um método cartográfico próprio, o qual denomino como *Manuscrito Cartográfico*, e o utilizo como caminho para o resgate das minhas memórias e vivências, transformando-as em matéria gênese e potência poética na construção deste meu trabalho. Neste meu processo, divido a escrita do meu manuscrito em cinco momentos: pistas, o mapa, primeira pele áquea, segunda pele áquea e terceira pele áquea. Cada um desses momentos designa um fragmento do trabalho que juntos, unificados, servem como apontamento para caminhos que podem ser percorridos dentro do teatro.

Palavras chave: manuscrito cartográfico. Memórias.
Vivências.



ABSTRACT



*This manuscript is the poetic document of the creative process of the theater play *A necklace to Nanā*, where I have my own cartographic method, which I call "the Cartographic Manuscript", and use it as a way to rescue my memories and experiences, transforming them into matter genesis and poetic power in the construction of my work. In this process, I divide the writing of my manuscript into five moments: clues, the map, first water skin, second water skin and third water skin. Each of these moments designates a fragment of the work that together, unified, serve as notes for paths that can be traversed within the theater.*

Key words: cartographic manuscript. Memories. Experiences.

PISTA CHAVE PARA O MERGULHO

As referências teóricas e históricas, embora se façam presentes, em nenhum momento se tornarão modelo para enquadrar a produção ou identificar e explicar a obra.

(RANGEL, 2009, p. 98-99)

Para o movimento criado aqui tratado importa mais o hibridismo ligado às demandas do próprio sujeito em seus trajetos, do que o das referências históricas.

(RANGEL, 2009, p. 98)





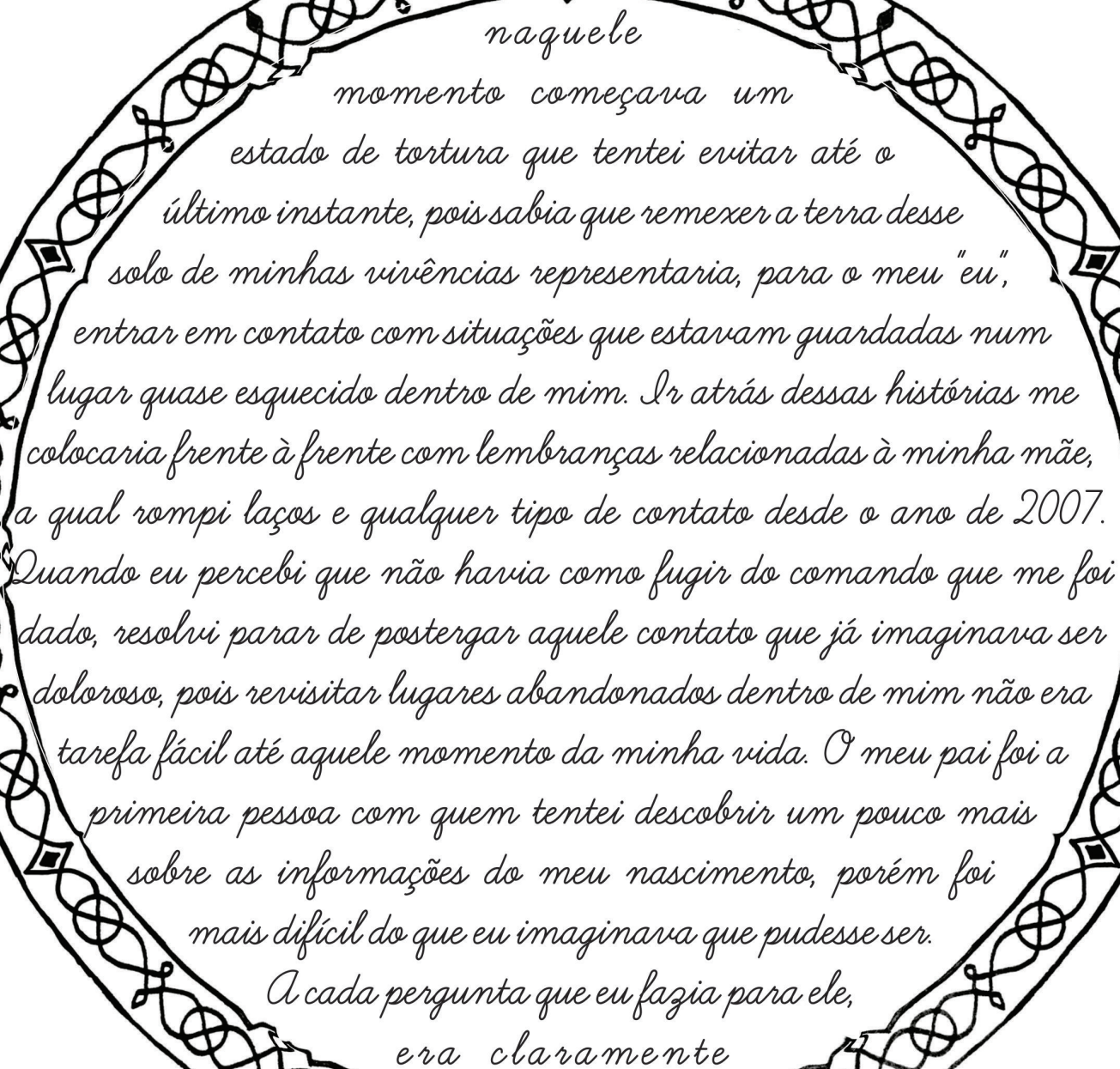
PISTAS
RASTEIRAS



Esse trecho apresenta a rasura na escrita, ou como classifica Claudia Amigo Pino, esse trecho constitui "uma rasura não rasurada, o que não deve ser um fato gratuito". (PMO, 2004, p.125)

Estou
escrevendo de dentro de
um ônibus no meio do nada, a
caminho do ~~meu eu~~ Maranhão, mais
precisamente à cidade de Bacuri, interior onde se
encontra localizado o olho d'água que alimenta todo esse
rio de memórias, lembranças e vivências da história que aqui
irei relatar. Olho pela janela e a única coisa que vejo é mato, um
céu azul rabiscado por nuvens que mais parecem algodão doce e
uma estrada que não parece findar na linha no horizonte. Trago em
minha bagagem cinco coisas muito importantes: uma chave, um
caderno, uma caneta, algumas lembranças e pistas que parecem fazer
parte de um mapa que, espero eu, me darão a localização exata de algo
que preciso encontrar. Consegui essa primeira pista no início do ano de
2012, ano no qual ingressei no curso de Licenciatura em Teatro da
Universidade Federal do Pará - UFPA na disciplina Trajetórias do
Ser, ministrada pela ~~amiga-parceira~~ professora **Wlad Lima**.
Em uma de nossas aulas, foi proposto por ela um exercício que
tinha como objetivo fazer com que os estudantes da nossa
turma buscassem memórias sobre como foi a gestação
e o parto de cada um e transformassem essas
histórias em cenas breves. A proposta do
exercício era maravilhosa,
porém, para mim,

Artista-pesquisadora, atriz, diretora e cenógrafa de teatro na cidade de Belém do Pará. Graduada em Ciências Sociais pela UNAMA - União das Escolas Superiores do Pará possui mestrado e doutorado em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia PPQAC / UFBA. Pós-doutorado em Estudos Culturais junto à Universidade de Aveiro, Portugal.



naquele
momento começava um
estado de tortura que tentei evitar até o
último instante, pois sabia que remexer a terra desse
solo de minhas vivências representaria, para o meu "eu",
entrar em contato com situações que estavam guardadas num
lugar quase esquecido dentro de mim. Ir atrás dessas histórias me
colocaria frente à frente com lembranças relacionadas à minha mãe,
a qual rompi laços e qualquer tipo de contato desde o ano de 2007.
Quando eu percebi que não havia como fugir do comando que me foi
dado, resolvi parar de postergar aquele contato que já imaginava ser
doloroso, pois revisitar lugares abandonados dentro de mim não era
tarefa fácil até aquele momento da minha vida. O meu pai foi a
primeira pessoa com quem tentei descobrir um pouco mais
sobre as informações do meu nascimento, porém foi
mais difícil do que eu imaginava que pudesse ser.
A cada pergunta que eu fazia para ele,
era claramente

Indício de esquecimento
ou ocultação DE FATOS?



visível

que as respostas estavam lá
porém alguma coisa o impedia de dizê-las.

Todas respostas dadas às minhas perguntas era
seguidas de um constante "Não lembro, faz muito tempo".

Aquela situação me irritou profundamente, eu precisava de
respostas e o meu pai, meu melhor amigo, aquele que sempre
respondeu todos os meus questionamentos sobre a vida, naquele
momento se calou para não que não transbordassem as ~~nessas~~ suas
memórias e segredos. Extremamente intrigado com o ocorrido, fui
procurar pessoas do ciclo familiar que pudessem me dar indícios, pistas
para que eu conseguisse juntar as peças do quebra-cabeça que se
tornou aquele episódio da minha vida, foi então, que lembrei de
uma tia com quem há muito tempo não mantinha contato,
talvez com ela eu pudesse obter as informações que
procurava saber. Tia Maria - vou utilizar esse
nome fictício para o caso dela ler esse
escrito e descobrir sua

identidade

e suas habilidades

fofoqueirísticas reveladas a todos - é

aquele tipo de tia que toda família tem uma, aquela

que jura guardar segredo mas que, na primeira

oportunidade, a língua se torna o músculo mais involuntário

do corpo e ela fala mais do que necessitamos saber. Passei uns três

dias tentando encontrar uma forma de manter contato com ela,

uma vez que tia Maria não dispõe de telefone e nem perfis em redes

sociais por falta de habilidade com a tecnologia. Foi grande a busca até

eu descobrir que ela estava vivendo a algumas horas de onde eu residia

na cidade de Belém, então decidi fazer uma visita inesperada.

Quando cheguei à sua casa, bati palma e gritei o seu nome, ela veio

correndo para saber quem era, com um guardanapo sobre o

ombro direito e uma colher de pau na mão, abriu um

sorriso grandioso e estendeu a mão para me dar

"a benção". Aquele simples gesto me

transportou para a

minha

infância, quando eu ia visitar meus avós e tinha que enfrentar uma longa fila de onze tios e dois avós, todos me dando "a benção". Entramos e sentei num banco de madeira na cozinha, o cheiro de feijão e arroz me despertaram fome e então resolvi aceitar o convite de ficar para o almoço e, enquanto tia Maria mexia nas panelas, lavava louça e varria a casa, fomos conversando e relembrando tempos bons onde toda a família se reunia no sítio dos meus avós. Entre um assunto e outro, eu disse a razão da minha visita e perguntei pra ela se sabia algo sobre o meu nascimento e sobre a gestação da minha mãe, logo ela indagou o por que de eu não ter perguntado pro meu pai, pois, segundo ela, ele sabia da história do início ao fim, então eu disse a ela que havia tentando me informar com ele, mas o mesmo não parecia querer falar sobre os fatos e foi assim que minha tia puxou uma cadeira de balanço que estava próximo à mesa e começou a me

revelar

Tia Maria engole o "D" da última sílaba dos verbos, indicação de um modo particular de fala do lugar onde nasceu e foi criada, Bacuri.

f a t o s
importantes sobre a minha
meu história nascimento:

» Relato de tia Maria «

"Pois tu num sabe que teu pai era e ainda é enrabichado de louco pela tua mãe?! Por isso que ele não quer falar nada pra ti. Meu filho, tem muita coisa nessa história deles dois que ninguém sonha, e eu só sei porque morei um tempo com eles e eu sempre tive os ouvidos muito bons, sabe?! A tua mãe fica tentando esconder o passado debaixo dos tapetes, ainda mais depois que ela virou crente, agora pensa que é santa, mas tua mãe, meu filho, já se meteu em muita coisa. Antes dela te ter, ela era metida nesses negócio de macumba, teu pai ia com ela e tudo. Dêrdi criança a mana tinha esse negócio de ver coisas, ficar falano sozinha, e depois de grande se meteu nessas macumba. Foi até um cabôco da macumba que falou pra ela que ela tava buchada e que ia parir dois meninos. Veio pra ela em sonho. Tua mãe disse que tava tomando banho num rio perto donde

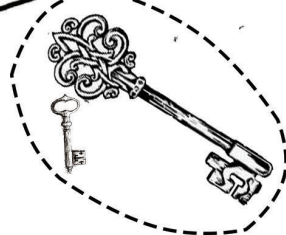
Orixá do Candomblé, Nanã é o único orixá que tem sua origem simultânea à criação do mundo. Ela sintetiza em si a morte, fecundidade e riqueza.

ficava a
nossa casa lá em Bacuri e
quando olhou, ela só viu uma senhorinha
preta que veio se chegando, era **Naná**, e disse que ela
tava prenha e ia parir depois de nove mês, que os filhos ia
nascer no dia de Cosme e Damião. Quando tua mãe acordou,
ela falou pra mim e pro teu pai, mas eu não acreditei e disse que era
só um sonho, teu pai também pareceu não acreditar muito não, mas
depois que a barriga começou a aparecer, a gente acreditou. Pois num é
que depois de nove mês, no dia de Cosme e Damião, ela começou a ter as
dor e levaru ela pra Santa Casa?! Lá ela virou em trabalho de parto
pro outro dia, por volta das onze horas da manhã, e te pariu. Ela
perguntou pro dotô onde tava o outro filho e ele respondeu que só
tinha um e era você. Mas olha, não vai falar pra tua mãe que
eu te contei isso se não ela me mata. Ah, já ia esqueceru,
toma essa **chave** é da casa de Bacuri, talvez você
precise dela um dia".

Aquela era minha segunda
pista.

PISTA
IMPORTANTE!

VII



Escutei a
cada detalhe da história que
tia Maria me contava com muita
surpresa e um certo encantamento. A partir
daquele momento, muitas coisas começaram a fazer
sentido sobre a postura tomada pelo meu pai ao receber alguns
questionamentos que fiz durante a minha vida. Aquela material
era rico demais para ser escondido de mim. Aquela vivência-~~era~~ é
minha também e eu não podia deixar ela perdida no esquecimento do
tempo. Me despedi de tia Maria e voltei pra casa e, olhando através da
janela do ônibus durante o percurso, me perdi dentro de cada palavra
que havia ouvido naquela tarde. Eu precisava escrevê-las num papel
enquanto elas ainda estavam frescas na cabeça, e assim o fiz. No
dia seguinte, comecei a analisar a escrita que havia feito na
tentativa de, primeiramente, entender tudo aquilo que
absorvi no encontro com minha tia, para depois
transformar todo aquele material em cena.

Após cumprir com sucesso a
primeira etapa,

que era
buscar essas memórias sobre
meu nascimento, parti para a segunda
etapa que consistia na transformação desse
material em cena, cena essa que cumpriria a terceira
etapa em sala de aula. No dia marcado para a aula de
apresentação desse processo de redescoberta de fragmentos meus,
em *Trajетórias do Ser*, a minha cena foi a última a ser apresentada.
Cada olhar que era captado pela minha história, fazia crescer em mim
uma força que não consigo descrever e, no final da apresentação, percebi
que estava com algumas pistas em mãos e precisava, mais do que
nunca, ir atrás das outras pistas que me faltavam para me revelar o
mapa que me mostraria o caminho que deveria percorrer para
chegar ao lugar do reencontro com um "eu" submerso no
esquecimento. Sigo viagem ao som de músicas antigas que
tocam no rádio desse ônibus que me leva para um
encontro com o lugar que, por muito tempo
guardado nas minhas lembranças
de quando

IX

Sigo a linha de pensamento do filósofo francês Paul Ricoeur, que em seus escritos considera que onde há memórias, há esquecimento.

t i n h a

cinco anos de idade, acabou sendo esquecido na minha cabeça de ~~homem-quase-grande~~ adulto. O meu olhar mais uma vez se perde na imensidão do céu que consigo observar pela janela, assim vejo o tempo virar, o azul abre espaço para tonalidades de cinza que variam desde o mais claro até o mais escuro, quase negro, e pouco a pouco vejo as nuvens brancas se dissiparem com o vento que as levam para longe, assim como esse ônibus que quanto mais me afasta de onde sou, mais me aproxima de quem sou. Uma, duas, três gotas atingem o vidro da janela e não leva muito tempo para que um toró desabe sobre toda aquela paisagem por onde passa o ônibus onde me encontro sentado. Reclino a poltrona para que se torne mais confortável a minha viagem. O som da chuva batendo naquela carcaça toda que me protege da água soa como música de ninar aos meus ouvidos, sempre foi assim, durante a minha vida

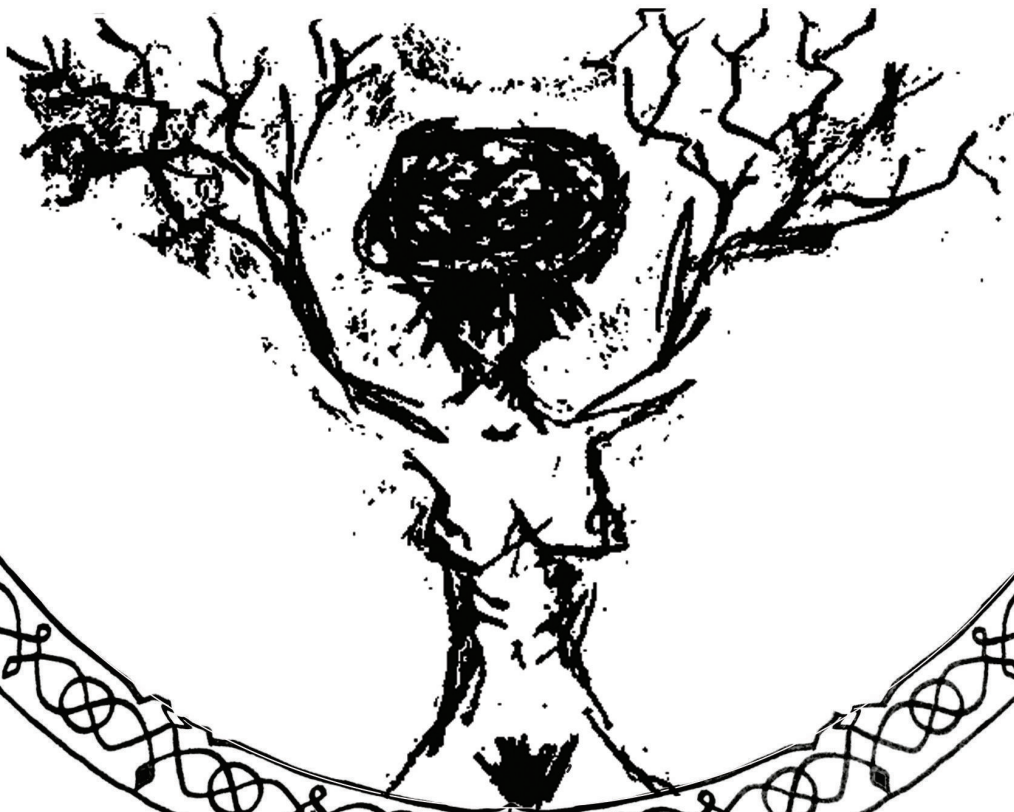
t o d ' a

X

EXPRESSÃO PARAENSE

Definição dada, através da linguagem popular, para chuva forte.

*o som da
chuva embalou os melhores
sonhos que tive e tenho. Os meus olhos
estão ficando pesados, eles embaçam assim como o
vidro que separa o lado de dentro do lado de fora daquele
automóvel. Então durmo e sonho.*



Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Pará,
tem mestrado e doutorado em Artes Cênicas pelo PPGAC da Universidade
Federal da Bahia e é Pós-doutor em Artes Cênicas pelo PPGAC da UNIRIO.



Acordo e

percebo que algumas horas já se passaram desde o momento que peguei no sono. Vejo lá fora somente o breu da noite e então me viro para olhar ao redor, as outras pessoas em suas poltronas, e me deparo com uma figura que captura a minha visão. É um homem sentado em uma das poltronas do lado oposto ao que estou descansando. Ele tem cabelos grisalhos e traços que me fazem lembrar imediatamente de uma pessoa que me concedeu a terceira pista, pista essa muito importante para esse processo de caça ao tesouro: Miguel Santa Brígida. Lembro da primeira vez que entreei na aula do Miguel como ouvinte, em março de 2014. Eu já havia me formado no Curso Técnico de Formação em Ator da ETDUFPA, porém no ano que passei pela disciplina de Técnicas Corporais 2 (2010), ela não foi ministrada por ele e esse foi o motivo para o meu retorno como ouvinte. Nessa disciplina, consegui entender através do contato com o

XVII

Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.
Em funcionamento há 55 anos, oferece os curso técnicos em Dança, Teatro, Cenografia e Figurino. Além dos cursos técnicos, abriga os curso de Licenciatura em Teatro e Licenciatura em Dança.

Sistema desenvolvido pelo dançarino, coreógrafo e teatrólogo, Rudolf von Laban, o qual é considerado o maior teórico da dança do séc. XX.

Sistema
Laban de Análise do

Movimento, juntamente com a técnica de ~~incorporação~~ integração do tambor à sala de aula nos exercícios, a potencialidade de um corpo que estava recluso, preso dentro dessa carcaça de carne e osso que eu achava ser a minha totalidade, onde a alma vozes interiores não eram ouvidas como parte importante desse corpo. O processo da disciplina foi dividido em três momentos: a leitura de textos de Rudolf Laban para o embasamento teórico do trabalho cênico final, a aplicação do material teórico nas aulas práticas em busca do corpo para a construção da cena final, a apresentação dos Mitos. Nesse caminhar, pude descobrir pistas valiosas no processo de construção do meu escavar em busca do corpo para meu trabalho em Mitos, o qual foi resultado da disciplina. A junção dos meus pedaços encontrados anteriormente na outra disciplina, unificados com os meus pedaços encontrados na sala de aula

XIII

Trabalho de conclusão de Técnicas Corporais 2 do Curso de Formação em Ator da ETDUFPA. Trabalho desenvolvido há vinte e dois anos pelo Miguel Santa Brígida, com intuito de fomentar o ensino das culturas africanas e afroameríndia em atendimento à Lei 10.639/2003.

c o m o

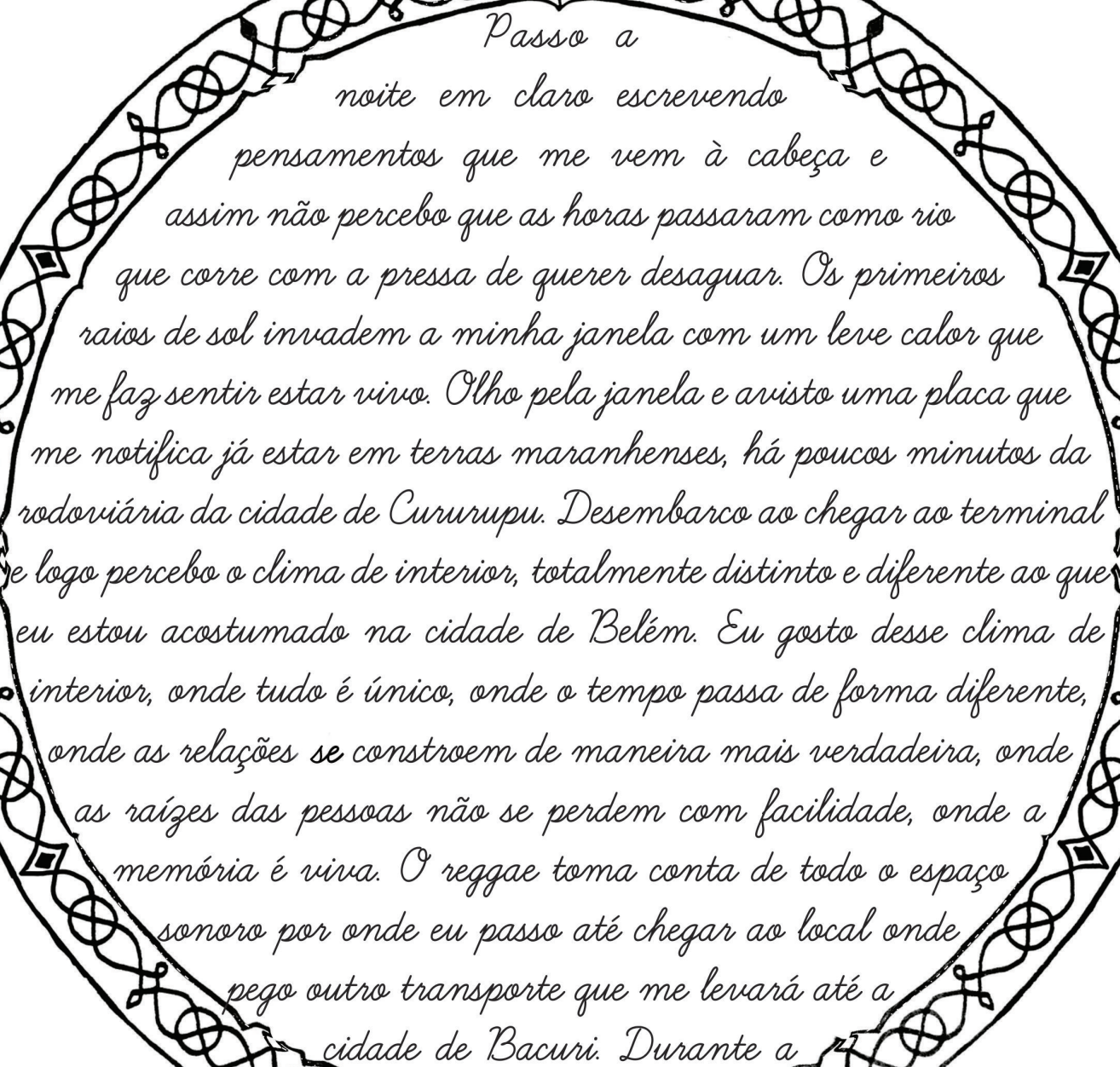
Miguel, me possibilitaram visualizar aquilo que denomino dentro do meu trabalho como "o embrião de barro", o principal cerne que serve de ponto de partida para a montagem desse mapa que se constrói do centro para as bordas, em movimento espiralar, onde é necessário visitar alguns pontos para se chegar a outros. Porém, cada visita feita a um terreno já percorrido antes, outras pistas são reveladas e, a cada nova passagem, por conta do peso das vivências adquiridas, as pegadas deixadas terão formas diferentes das deixadas anteriormente. É um movimento infinito de revisitas. Um movimento moebiano que é constante dentro da minha pesquisa.



Movimento que segue o caminho apresentado pela forma do anel de Moebius, mais conhecido como o símbolo do infinito.



É um espaço topológico, ou seja, a estrutura que permite a formalização de um conceito.



*Passo a
noite em claro escrevendo
pensamentos que me vem à cabeça e
assim não percebo que as horas passaram como rio
que corre com a pressa de querer desaguar. Os primeiros
raios de sol invadem a minha janela com um leve calor que
me faz sentir estar vivo. Olho pela janela e avisto uma placa que
me notifica já estar em terras maranhenses, há poucos minutos da
rodoviária da cidade de Cururupu. Desembarco ao chegar ao terminal
e logo percebo o clima de interior, totalmente distinto e diferente ao que
eu estou acostumado na cidade de Belém. Eu gosto desse clima de
interior, onde tudo é único, onde o tempo passa de forma diferente,
onde as relações se constroem de maneira mais verdadeira, onde
as raízes das pessoas não se perdem com facilidade, onde a
memória é viva. O reggae toma conta de todo o espaço
sonoro por onde eu passo até chegar ao local onde
pego outro transporte que me levará até a
cidade de Bacuri. Durante a*

* RENÉ DESCARTES *

Filósofo, físico e matemático francês, conhecido como o fundador do Dualismo, reconhece duas espécies de substâncias cabíveis ao homem: a corpórea e a espiritual.

XVI

escrita

viagem, olhando para o papel cenário que estou submerso e um sentimento de reconhecimento me toma. É indescritível a sensação de pertencimento àquele lugar que vem de encontro a mim. Talvez seja o corpo a rememorar vivências já ocorridas nessa terra. O corpo meu corpo é memória e, contrariando o pensamento dualista de Descartes e me banhando do pensamento de Volpi, entendo o meu corpo como uma totalidade onde a mente, o físico e o espírito são linhas que compõe a minha tecitura desde o ventre da minha mãe.

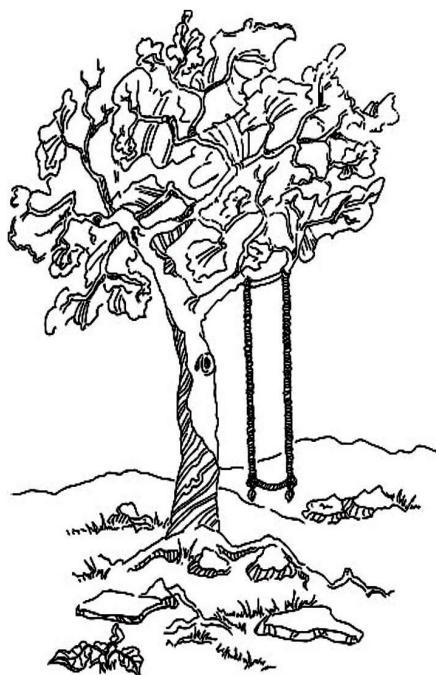
Estou chegando em Bacuri, o rapaz que dirige o "Pau de arara" avisou que em cinco minutos já estamos lá. Pergunto se ele sabe onde fica a casa do Mário, meu avô, e ele logo completa com "Mário, marido de Conceição? Pai de Muri, José Carlos, Maria...", antes dele conseguir terminar a lista familiar, que é extensa, eu interrompo dizendo que é exatamente pra onde eu quero

* JOSÉ HENRIQUE VOLPI *

↳ Possui graduação em Psicologia pela Universidade Tuiuti do Paraná e mestrado em Psicologia da saúde pela Universidade Metodologista de São Paulo. Doutorando em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná.

Entende as construções físicas e emocionais vividas pela criança durante as etapas do movimento psicoafetivo que atravessa, que vão sendo moldadas em seu corpo desde a gestação, como um fator definitivo para a construção do indivíduo.

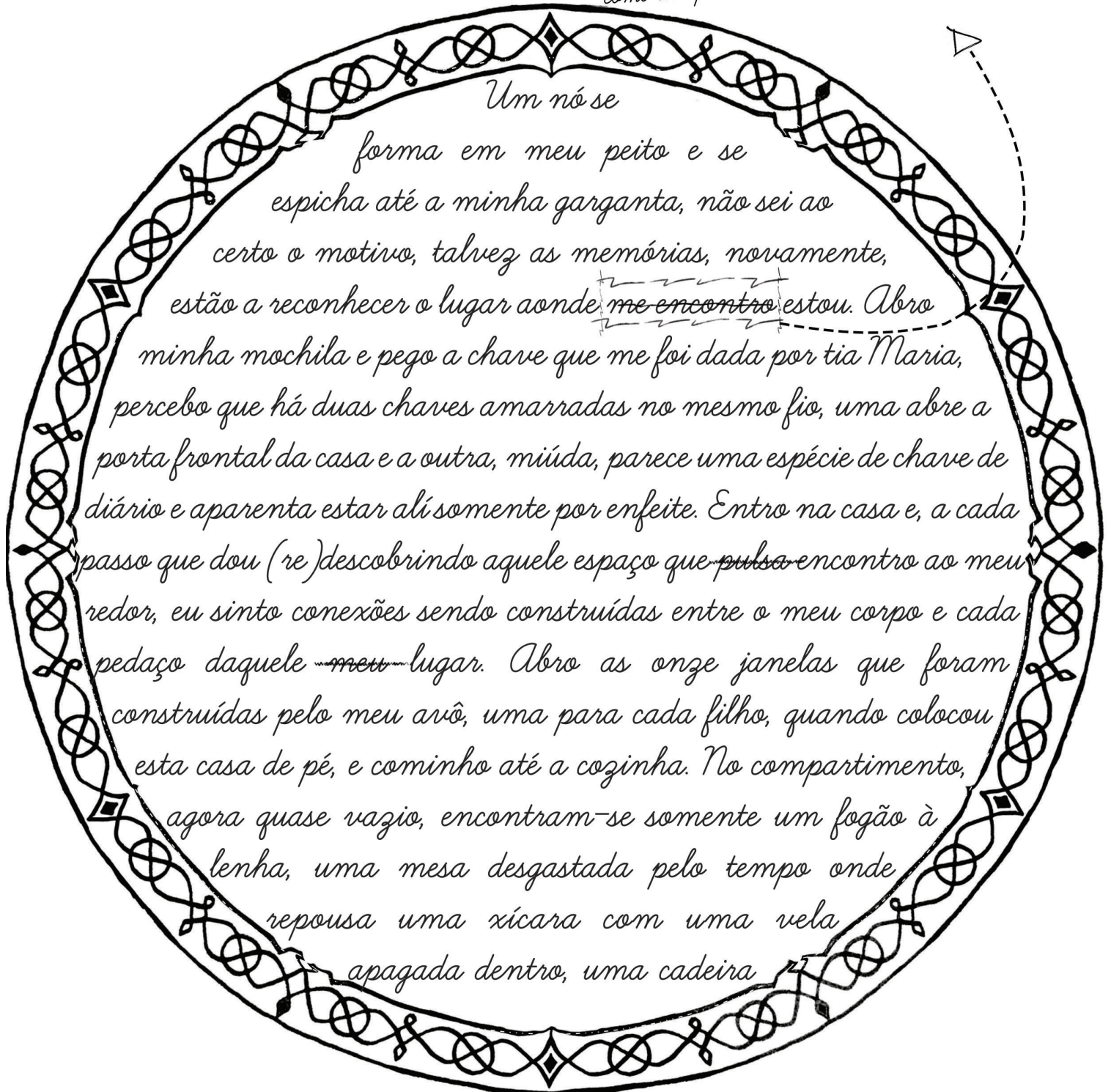
ir, então o simpático moço que dirige o automóvel me leva até à casa dos meus avós. Ao chegar na frente da casa, pareço voltar à minha infância, quando brincava de balanço na imensa goiabeira que, até hoje, estende a sua sombra na frente da casa de paredes amarelas, telhas de barro e chão de terra batida.



2004, p.125

RASURA NÃO RASURADA

Esse procedimento revela, como Claudia Amigo Pino expõe em sua escrita no livro *A Ficção da Escrita*, "uma relação de convivência com a parte descartada, uma necessidade de permanência dessa parte", ou seja, a rasura como um protexto.



de

balanço e, na parede, um quadro com uma fotografia antiga de minha avó. Automaticamente ~~servir~~ sou levado para uma memória que se encontrava perdida em algum lugar de mim. O aroma de café fresco invade as minhas narinas e, ao entrar pela porta dos fundos na cozinha, vejo minha mãe sentada em sua cadeira de balanço tomando uma xícara de café e escrevendo numa espécie de caderno. Quando ela me percebe, fecha o caderno rapidamente e levanta para me servir o café com pão do final de tarde. Enquanto mergulho o pão no café e me alimento, percebo ela guardar secretamente o caderno atrás do quadro que se encontra na parede. Fecho os olhos e quando os abro, minha mãe e todos os elementos que compunham a ~~cena~~ memória de ainda pouco se foram, a única coisa que parece intocável é o quadro com fotografia de minha ^{vó} na parede. O tempo parece ter passado depressa, o azul do céu lá fora já toma um tom de anoitecer.

Ando até

o quadro e, ao vasculhar
atrás dele, me surpreendo ao encontrar o
diário da minha mãe. Ele está lacrado com uma
espécie de cadeado embutido em sua capa e, ao perceber
isso, entendo a real função da pequena chave que trouxe junto
comigo, aquela que se encontra junto com a chave da porta frontal.

Pego a chave e ~~liberto~~ abro aquela relíquia familiar e, ao passar a
palma da minha mão direita sobre suas páginas, limpo a poeira que
encobre o passado revelando assim mais ~~esquecimentos~~ memórias
guardadas no tempo. Minha mãe, através das páginas daquele diário,
revelava um laço ancestral muito forte com aquela terra e, em
específico, com um rio onde ela denominava "rio de Nanã". Uma
força muito forte me induziu a devorar todas as peles páginas
desse manuscrito. E foi assim que, mergulhando em cada
palavra deixada por minha mãe, encontrei a
última parte ^{que} completa o mapa que me
indica a localização do rio de

Um personagem do filme "O rei leão".
É um sábio madril que vive em um
baobá.

XXI

memórias

o rio de Nanã. Naquele
momento, dois caminhos se revelavam
pra mim através das palavras de Rafiki escritas
por ela na última página de seu diário: "o passado pode
doer. Mas do jeito que eu vejo, você pode fugir dele, ou...
aprender com ele". Eu decidi aprender.

Ao amanhecer do dia seguinte, acordo para dar segmento ao meu
objetivo, seguir o trajeto indicado pelo mapa que tenho em mãos. Ao
sair pela porta dos fundos, (re)encontro Diego Vattos, um amigo que o
teatro me presenteou em 2008 e que já me acompanhou em outras
andanças pela vida. Munido de um instrumento muito importante
para esse processo de caça ao tesouro, o tambor, começamos a nossa
caminhada com passos de quem tem pressa para chegar, mas
que também tem calma para as descobertas que serão
feitas no decorrer. E, no percorrer do caminho, entre
discussões e troca de conhecimento,
chegamos ao primeiro ponto

Ator formado pelo Curso Técnico de Formação em Ator
da Escola de Teatro e Dança da UFPA (2008) e músico
atuante da cena cultural e artística de Belém. Meu par-
ceiro de cena em "Um colar para Nanã".

Indicação à história
do fruto do conhecimento
do Jardim do Eden. O conhecimento
e suas consequências frutos.

indicado

no mapa: a sala 5 da

~~ETDUTPA~~ a macieira da casa cinco.

Precisamos nos alimentar, pois o caminho é longo e para que cheguemos no lugar onde buscamos, precisamos estar devidamente alimentados do que sustentará nossa caminhada: o conhecimento. Seguimos nossa andança e, no destrarçar do caminho, percebo pegadas que foram deixadas na terra marrom do chão que piso, pegadas que seguem exatamente o caminho descrito no mapa. Continuamos e, entre uma parada e outra, degustamos as maçãs que havíamos pegado na tentativa de saciar nossa fome, a qual cresce constantemente após cada passo que damos.

Não demoramos muito para avistar o início da mata que protege e guarda aquele rio. Olho para o lado esquerdo e as pegadas continuam a seguir o mesmo caminho que trilhamos, como se tivessem nos acompanhando nesse eterno pesquisar andar. Nós seguimos mata a dentro, Diego, eu e as pegadas.

A fonte de conhecimento que me
move e sempre me faz caminhar.
A fome que me trouxe até aqui.

XXVII

Referente aos passos dados desde
o momento que ingressei na Lic.
em Teatro.

Indício de não continuidade.
Indicativo de parada, espera
contemplação.

E entre o
estalar de folhas e galhos secos
que cobrem o chão que pisados,
juntamente com as cores que banham o céu
prenunciando a tarde que se finda, chegamos até o último
ponto que o mapa nos indica: o rio de Nanã. As últimas
pegadas se fazem presente, uma ao lado da outra, exatamente à
beira do rio. Intuitivamente, sobreponho meus pés sobre elas e
descubro que o encaixe se dá perfeitamente e, é nesse momento, que sou
tragado pela fenda que se faz presente entre o agora e o passado, entre o
esquecimento e a memória. Curvo o meu corpo enquanto escuto o som
da água que corre e me convida a olhar aquele rio mais de perto, me
possibilitando ver assim o meu rosto refletido em suas águas. Como
Narciso, olho dentro dos meus olhos refletidos no rio e enxergo
toda a beleza que escorre ~~através~~ deles causando assim
uma ~~paixão~~ força de atração mútua. Ao mesmo
tempo que eu sou o rio, o rio sou eu.

Por estar submerso entre esses
dois tempos, os verbos transitam
entre o presente e o passado.

É um orixá do Candomblé, filho de dois outros orixás: Nanã e Oxalá. É o orixá que tem ligado a sua figura, o domínio das doenças e da cura. ←

Essa

paixão se faz necessária, pois ao projetar no ~~objeto de pesquisa~~ rio o meu universo interior, dou brilho e encantamento ao mesmo, criando assim um campo magnético de atração que não se restringe somente ao contato do ~~autor~~ "eu" com o ~~objeto de pesquisa~~ rio, mas também com todos que entrarem em contato com ele. Uma vez que é a paixão que deposito sobre a minha obra que a torna interessante ao olhar do outro. Nesse processo do olhar, a calma vem e já não é mais o meu rosto a ser refletido naquelas águas, enxergo três faces que se sobrepõem à minha, a de Obaluaê, a da minha mãe e a de Nanã. A atração entre o ~~meu~~ corpo físico e o ~~meu~~ corpo fluido se intensifica e, ao perceber a energia que é gerada a partir desse encontro, Diego começa o tocar do tambor, deste modo pedindo licença para o meu adentrar nas ~~memórias~~ águas e atravessar as peles do rio, então fecho os olhos e mergulho. Ao abrir meus olhos, a corrente na qual estou

Orixá detentor do poder procriador masculino. Ele é associado à criação do mundo e da espécie humana.

XXV

submerso

traz consigo a história de Nanã e seu filho Obaluaê e, como se estivesse boiando sobre a cena que se forma, assiste com detalhe e atenção. Vejo Nanã gestando e parindo o seu filho Obaluaê e, ao perceber que ele nascera com chagas por todo o corpo, o que foi causado pela união proibida dela com Oxalá, a mãe vai até à beira da praia e o abandona para que o mar o leve. Iemanjá, ao sair do mar, o encontra quase morto e assim promete cuidar dele como filho, dando amor e curando seus ferimentos. Como prometido, os ferimentos sararam, porém toda ferida aberta, mesmo após fechada, deixa uma cicatriz, como uma escrita rasurada no corpo, como uma memória que tentara ser apagada. Sou fortemente atravessado por essa vivência e automaticamente vejo nessa história uma conexão direta com a minha. O abandono se faz familiar ao meu ser. Quando eu tinha sete anos de idade, minha mãe terminou seu casamento de

(FELIPETO, 2008, 9.16)

“A rasura porta um ‘sentimento de estranhamento’. O estranhamento convoca uma relação entre algo familiar, semelhante e, ao mesmo tempo, diferente, faltoso ou em excesso.”

t r e z e

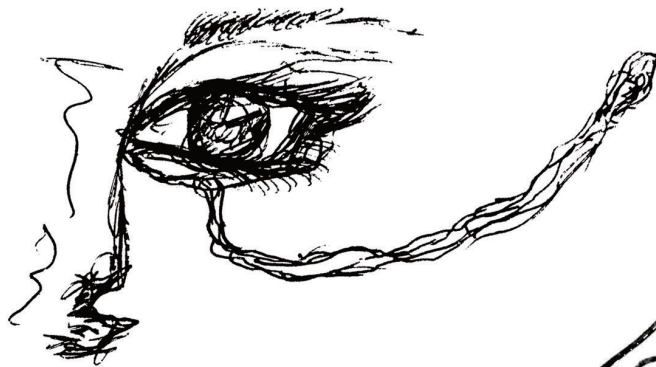
anos com meu pai e decidi ir embora de casa. Lembro que mesmo sendo muito jovem ainda, uma criança, eu conseguia entender a dimensão do abandono que me ocorria a partir daquele momento e perduraria por toda a infância, porém, ao mesmo tempo que sofria pelo abandono, agradecia ao destino por ter me presenteado com um pai maravilhoso que, mesmo tendo certa limitação por conta de sua condição enquanto cadeirante, nunca me abandonou e sempre exerceu o papel de pai e mãe durante todos esses anos de minha vida. No entanto, existem feridas que foram abertas por minha mãe e, mesmo depois de saradas, deixaram cicatrizes que vem me acompanhando durante toda a minha trajetória e vivências. No meu processo vivencial, a figura de Nanã reflete minha mãe e a de Iemanjá o teatro, que chegou no momento exato, me curando e abrindo novos caminhos para o entendimento de minhas dores e cicatrizes,

"Ao analisar um manuscrito, não estamos lidando com o processo de criação tal como ele realmente aconteceu; estamos analisando as marcas da leitura, ou seja, as rasuras, as hesitações, os acréscimos, a supressão".

(PINO, 2004, p. 25)

XXVII

possibilitando
assim a resignificação
dessas para a construção do eu-artista-
pesquisador. E, para que essas águas do
conhecimento fiquem claras, esse manuscrito se faz não
como um manual de respostas ou soluções, mas sim como
apontamento de caminhos para o processo criativo e subjetivo de
quem mergulhar nesse rio. E nesse procedimento metodológico
cartográfico criado por mim, identifico as camadas desse flume como
peles águas, as quais registram as partes do processo de ~~criação~~
submersão:



Nunca está acabado,
está sempre em movimento.
As interferências que são feitas a
partir da sua leitura são subjetivas e tem
característica hermenêutica instauradora.

↳ "Um manuscrito dificilmente pode
ser considerado um objeto terminado".
(PINO, 2004, p. 68)

XXVIII



PRIMEIRA
PELLE AQUEIA

E s t a

primeira pele é voltada para a criação dramatúrgica. Ela se constrói a partir de todas as pistas adquiridas desde o primeiro momento da pesquisa, passando pelas vivências, experiências e memórias. No entanto, desde o princípio o objetivo foi de se chegar a uma dramaturgia que tivesse como principal linguagem de discurso, e escrita, as imagens corpóreas e do som, ou seja, uma escrita imagética corporal e sonora, levando em consideração enquanto escrita imagética corporal a exploração das imagens geradas a partir do corpo, e como sonora os sons advindos dos instrumentos utilizados para essa escrita: o agogô, o tambor, o pau-de-chuva, os apitos e a gaita.

O desafio era grande, tanto para mim quanto para o Diego, contudo o nosso anseio para que tudo se concretizasse era grande e, através dos conhecimentos que foram adquiridos no nosso percorrer, dentro e fora

Este foi o primeiro livro publicado no Brasil com as obras de Rudolf von Laban, todas organizadas por Lisa Ullmann. Esse livro explora a relação entre as motivações interiores e o funcionamento exterior do corpo.

da
academia, conseguimos
encontrar pistas que nos levassem para o
caminho que nos aproximou da forma desejada.

O meu primeiro mergulhar, nessa fase da construção, foi feito no livro Domínio do Movimento de Rudolf von Laban. No reencontro que tive com o autor, pude compreender melhor a potência viva que meu corpo poderia ~~ser~~ alcançar em cena a partir da aplicação dos conhecimentos obtidos no meu contato com seu pensamento, entendendo desta maneira a dinâmica do tempo, espaço, peso e fluxo que ele explana na sua escrita. Assim, pude perceber a importância que cada fase do movimento carrega, manifestando desta forma pontos consideráveis no rio que corre dentro de mim.

Partindo do embasamento que essa leitura me proporcionou, juntamente com o som dos instrumentos utilizados como indutores para a criação corporal e cênica, descobri que o meu corpo, enquanto memória, poderia ~~traduzir~~ contar minha história a partir de uma

⇒ Crio este conceito para classificar a unificação de todas as partes que compõem a dramaturgia corpórea e sonora. Em outras palavras, uma partitura totalizada.

partitura

Corpo-cabal compostas por ações físicas. Dessa forma, através da criação descoberta e junção de ações-físicas, componho três subpartituras que representam, cada uma, um momento do trabalho cênico: corpo-barro, corpo-água e corpo-argila.

O exercício de criação desta dramaturgia, realizado na sala cinco da ETDUFPA, segue algumas pegadas que em muitos momentos serviram como um norte, apontando caminhos, e em outros momentos me serviu como abismo, fazendo com que eu me sentisse perdido. Entretanto, outros apontamentos foram revelados a partir do mergulho no abismo e, me aproveitando desse eterno encontrar-se, e perder-se, diluo essa etapa da seguinte forma:

Entender o perder-se como apontamento para novas possibilidades de atravessamentos. Como já dizia Clarice Lispector em "A Cidade Sitiada": "perder-se também é caminho". (1949)

XXXXI

Trabalho na perspectiva de uma ação dotada de uma intenção interior não vazia. Uma ação que nasce das vísceras, logicamente fundada, que busca uma finalidade concreta e, quando executada, se transforma em uma ação psicofísica.

1 - Leitura e compartilhamento do material de pesquisa com o Diego: história dos orixás Nanã e Obaluaê, estudo sobre os escritos da minha dramaturgia pessoal, compartilhamento do material produzido anteriormente nos Mitos e discussões sobre todas as ferramentas apresentadas nesse primeiro momento.

2 - Apontar conexões entre a história dos dois orixás com a minha, possibilitando assim atravessamentos e elos conectivos entre as duas histórias. Fazer anotações.

3 - Após as duas primeiras etapas, é feita a leitura de textos e livros que serviram de caminho para a construção do trabalho corporal.

4 - A busca das ações físicas a partir dos exercícios propostos por Laban em Domínio do Movimento, incorporando nesses exercícios a sonoridade do tambor, tentando então descobrir um corpo mais vivo e mais visceral, encontrando assim uma conexão muito forte entre o som do tambor e

os movimentos do corpo.

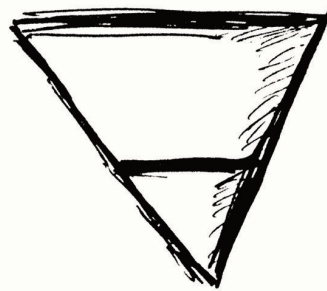
*5 - Construção das subpartituras,
partindo do aproveitamento e da junção do
material obtido nas etapas anteriores*

*6 - A criação e colocação de dois depoimentos, entre os três
momentos, que servem como costura para as subpartituras (corpo-
barro, corpo-água e corpo-argila), formando assim o corpo-cabal,
estrutura final dramatúrgica.*



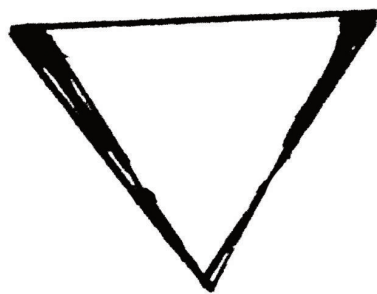
CORPO - BARRO

Este primeiro rastrear concentra-se na terra como o principal elemento força para o embasamento do meu corpo no processo de busca dessa partitura, incorporando ao mesmo a materialização desse elemento como fonte geradora de uma intenção que ~~diferem~~ dos outros dois momentos. É dotado de uma intenção mais rígida, mais firme, e nessa sua resistência possibilita a descoberta de um dos estados do corpo-cabal.



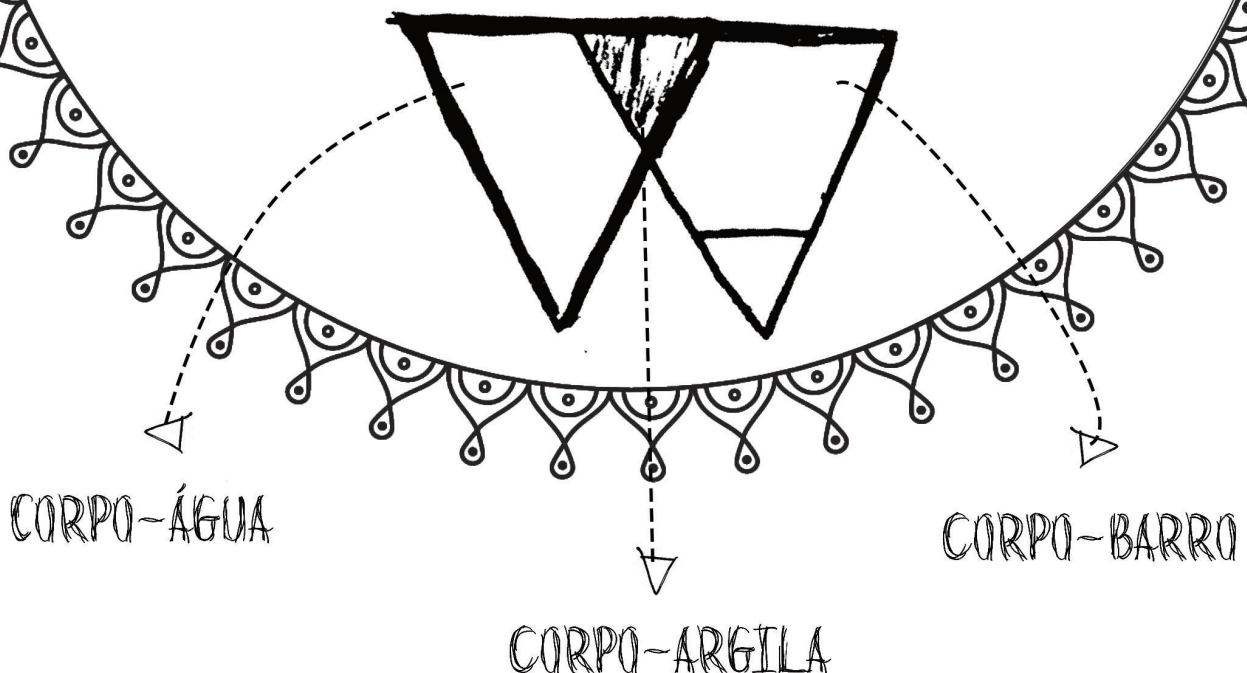
CORPO - ÁGUA

Neste segundo momento, o elemento água assume o ponto central da busca, descoberta e criação da minha partitura. Levando em consideração que este elemento tem estado físico diferente do primeiro, tento encontrar na maleabilidade desse desaguar componentes que ativem no meu corpo intenções e movimentos mais fluidos, possibilitando assim clareza e transparência na escrita dessa partitura.



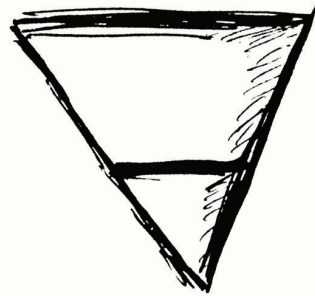
CORPO-ARGILA

No terceiro passo, busco na argila a unificação da qualidade dos outros elementos utilizados nos momentos anteriores, brincando assim com a possibilidade estética do moldar que esse terceiro elemento me proporciona. Neste momento, as ações não tem caráter totalmente rígido e nem absolutamente maleável. O corpo transita na intersecção entre os dois elementos.



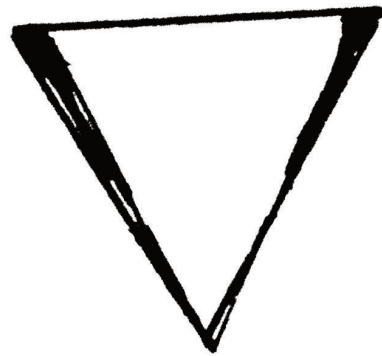
CORPO - CABAL

1. O caminhar até o rio
2. Banhar-se à beira do rio
3. Adentrar as águas
4. Construir a margem
5. Tocar o olho do rio
6. Submergir I
7. O acender da vida ao rio
8. Emergir I
9. Depoimento I



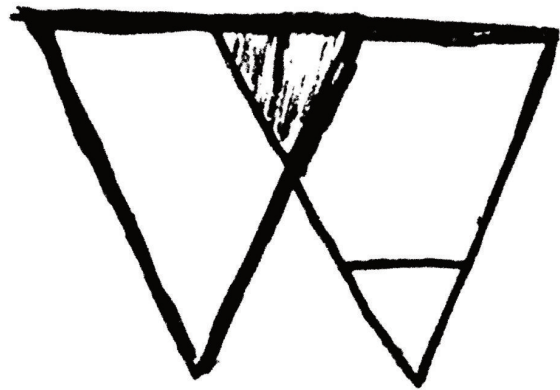
CORPO - CABAL

10. Submergir ^{II}
11. Transição elementar
12. Braços de rio
13. O abrir das águas
14. Cicatriz do transbordar
15. Desaguar
16. O chamar do olho d'água
17. O Alimentar da semente
18. Parir o filho do rio
19. O estranhamento / abandono
20. O reconhecer
21. O canto do rio
22. O banho de argila e moldar argiloso
23. Emergir ^{II}
24. Depoimento ^{II}



CORPO - CABAL

25. Submergir ^{III}
26. O Marcar-se / marcas de si
27. Emergir ^{III}
28. O canto de Nanã
29. Submergir ^{III}
30. As três profundezas do rio
31. A transição das águas
32. O apagar da vida do rio
33. Saudação à Nanã
34. A passagem das águas
35. Emergir ^{IV}
36. Metamorfosar (corpo neutro / corpo ancestral)
37. A pele velha
38. O Sair do rio
39. O caminho de volta



XL

SEGUNDA
PELE ÁQUA



Dentro desse processo, a minha poética, como aponta o filósofo Roland Barthes, é "exatamente a capacidade simbólica de uma forma".

(BARTHES, 1990, p. 113-114)

Esta

segunda pele tem como foco a configuração cênica desse rio, ou seja, tudo que agrega importância dentro desse trabalho cênico para a criação de uma poética singular: iluminação, cenografia, figurino, objetos cênicos e outros recursos. Cada elemento que existe em Um colar para Nanã, assim como as ações físicas que compõem a dramaturgia, existe por uma razão lógica sensível e considerável para o todo da obra. E, mesmo partindo da minha subjetividade, cada um deles possui elos que fazem conexões com cada ponto da obra total, como num interligar de rede que, na falta de um dos pontos do conjunto, o todo não se concretiza.

É importante clarificar que, por se tratar de uma construção que parte dessa subjetividade que cito acima como cerne da criação, é natural e necessário que a organicidade contida em mim seja atribuída também a cada elemento dessa composição cênica. Desta maneira, os elementos que constituem a cena serão corpo-memória preenchidos com

XLI

CALVINO
1999, p. 104-105

São as próprias imagens que desenvolvem suas potencialidades implícitas, o conto que trazem dentro de si. Em torno de cada imagem, escondem-se outras, forma-se um campo de analogias, simetrias e contraposições.

*intenções
e histórias. Eles, por si só,
falam através de si.*



SAIA DE RETALHOS



A saia, dentro desse trabalho cênico, incorpora significantes que passam pelas minhas vivências, história e memória. Apresentada no primeiro momento cênico, trás consigo a imagem do feminino, minha mãe quando ia lavar roupa na beira do rio. Numa segunda camada, trago ela enquanto uma malha de memórias, onde cada retalho que a compõe carrega uma história, lembranças e vivências, composta por rasuras e cicatrizes. No terceiro momento, ela caracteriza a passagem do tempo, tempo que trás junto de si marcas e aprendizados.

XLIV

É a representação da
cabaça da Iyami Oshorongá, onde sua
coruja, símbolo do seu poder é guardada. Nanã,
assim como as outras Iyamis, carregam em si a
representação do poder feminino.



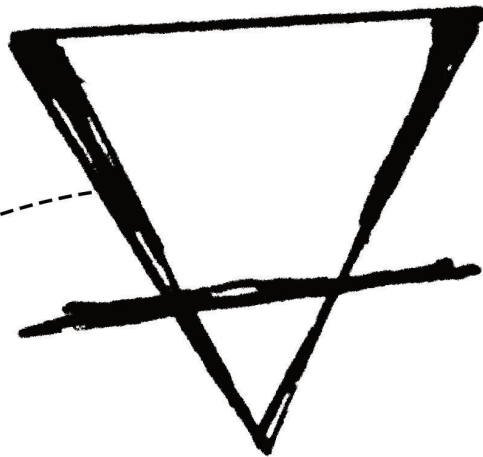
→ A CABACA

Tido como o objeto de maior importância dentro da construção do espetáculo, esse elemento é dotado não somente de significante, mas também de simbologia. Ele simboliza o olho d'água do rio de memórias, é de onde todos os componentes que contam a história ~~são~~ nascem, é o que dá vida às águas do rio. Ele é a representação do meu reflexo interior e, num espiral significante, eu sou o alquidar, o alquidar é o rio e o rio sou eu.



→ O ALGUIDAR

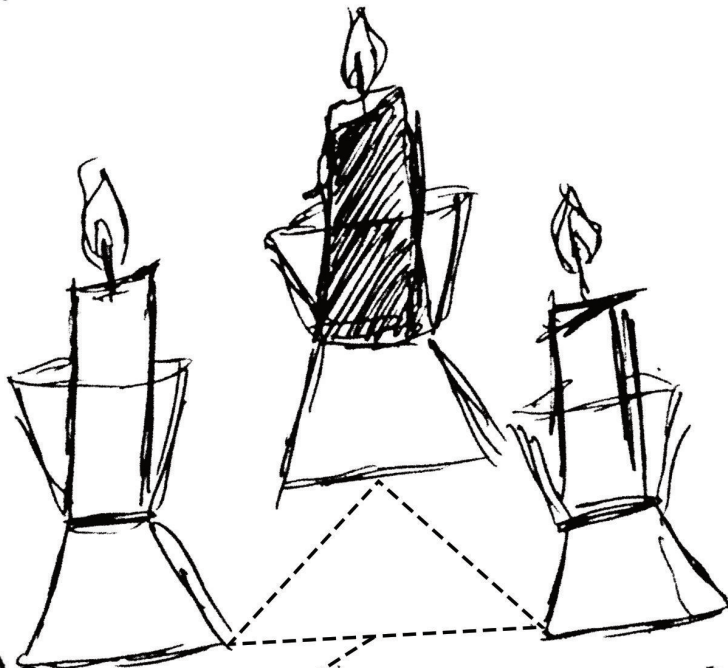
Representando a terra, um dos principais componentes de composição do homem, a farinha de mandioca é uma das rasuras causadas no texto cênico para delimitar as margens do rio. Demarcando o foco do que deve ser ~~olhado~~ enxergado, circulo aquilo o que quero discursar sobre. Esse elemento, além de recurso de evidenciar algo, é carregado de memórias, pois ao utilizá-lo me reconecto às minhas lembranças de infância onde minha vó passava tardes preparando e torrando farinha no fundo do quintal de sua casa, em Bacuri.



» A TERRA, BARRO, PÓ DA CRIAÇÃO

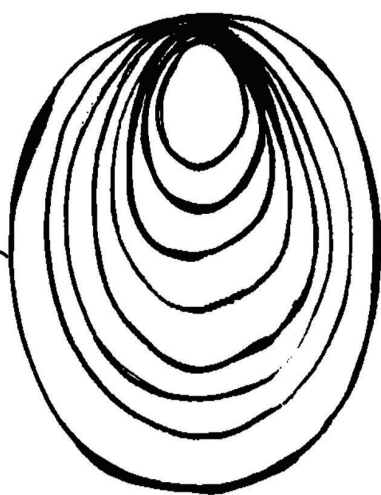
XLVII

As velas brancas
aparecem nessa escrita,
além de iluminação alternativa,
como a luz da sabedoria e da criação,
dando vida ao rio círculo. As azuis,
indicam a mudança de tempo, corpo, espaço
e trazem, junto com o seu acender, memórias.



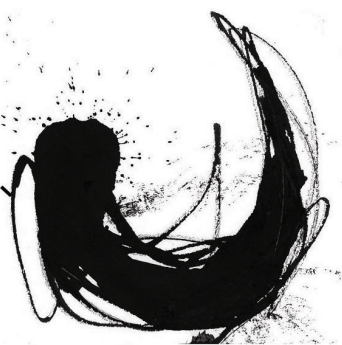
⇒ AS VELAS

Ele carrega em si a simbologia do submergir e do emergir dentro das águas do rio, atravessando todas as suas peles até chegar nas memórias. O colar é a fenda que se encontra exatamente entre o presente e o passado, no abismo. Em sua figura está contida o mapa que leva a todos os caminhos desse processo.



→ O COLAR

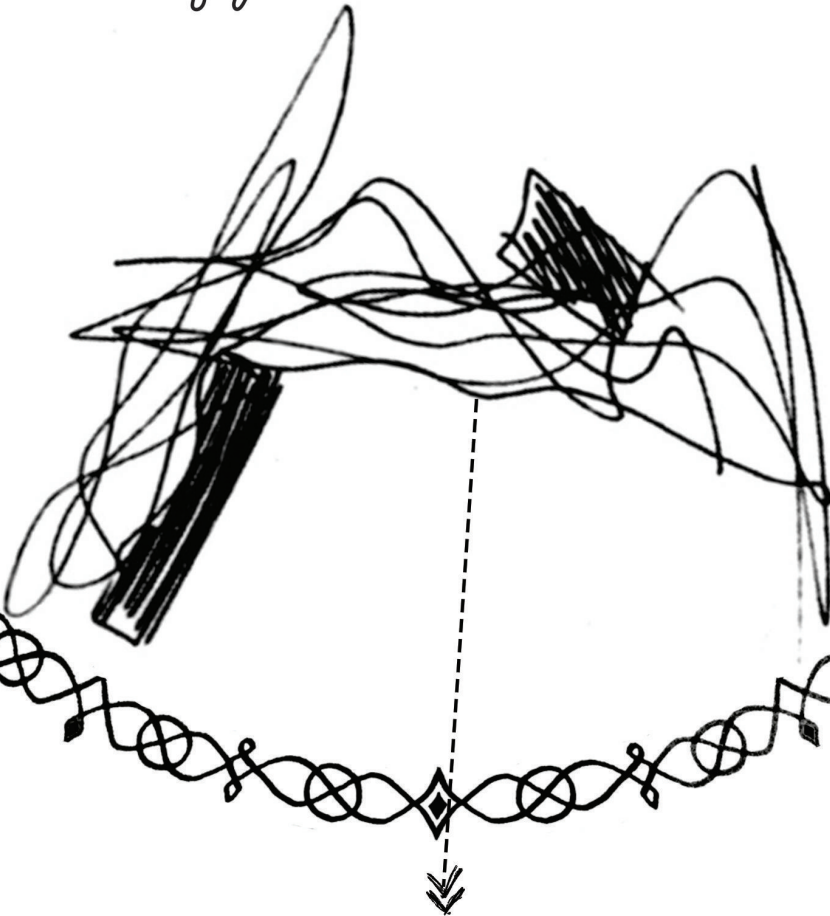
» A ARGILA



Assim como ela representa uma segunda pele, a minha ancestralidade e ligações sensíveis e transcendentais, ela também carrega em si a característica de rasura, tentando ~~esconder~~ camuflar o que está por debaixo. Por meio da união dos elementos barro (farinha de mandioca) e água (círculo de velas), ressignifico a imagem do meu ser moldado pelas vivências, através da memória e do esquecimento.

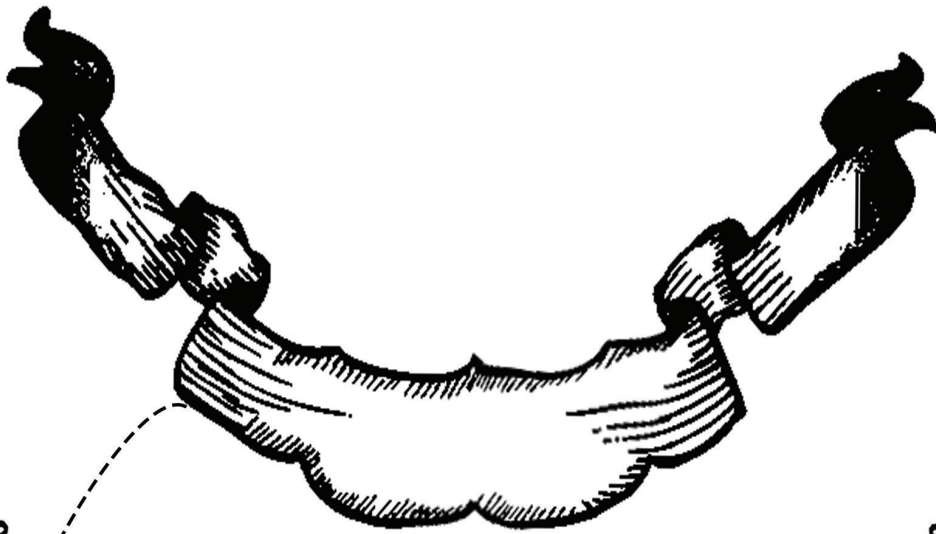
L

Apresenta o contato e a ligação do humano com o divino. Também apresentada como uma rasura, cicatriz, me põe de frente com as marcas que carrego comigo e a ligação dessas marcas com a minha figura materna.



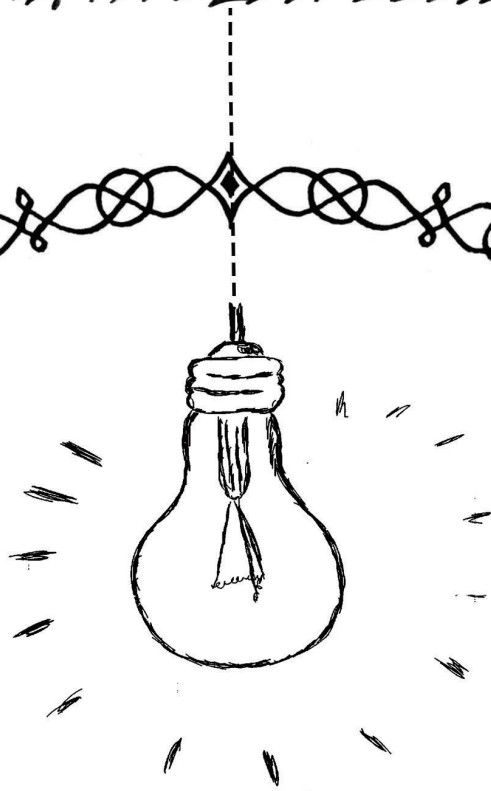
A TINTA BRANCA

O tecido é a terceira pele, carregada de histórias e rasuras, é o cordão umbilical que liga todas as partes do processo e do divino que rege as águas do rio que sou eu.



O TECIDO (FILÁ)

A ILUMINAÇÃO



No primeiro momento, a iluminação predominantemente azul vem com o propósito de revelar a superfície clara da água do rio. No segundo momento, utilizando uma tonalidade âmbar e a iluminação rústica das velas, uma segunda camada do rio, mais turva e argilosa, é apresentada. O terceiro momento, a iluminação à la ribalta aparece com o intuito de presentificar a imagem de minha mãe e Nanã ao projetar as sombras que se formam na panada branca. Nesse momento, eu estou no entre, na fenda, no abismo entre a luz e as sombras.

LXXX



TERCEIRA
PELLE AQUILA

Esta terceira pele é voltada para a própria realização cênica do espetáculo. Uma Colar para Nanã, realização essa que dentro desse manuscrito cartográfico é representada por quatro subpeles que identificam, respectivamente, a execução cênica.











BRAÇOS D'ÁGUA



- PINO, Claudia Amigo. A Ficção da Escrita. Cotia - SP: Ateliê Editorial, 2004.
- FELIPE TO, Cristina. Rasura e Equívoco: no Processo de Escrita em Sala de Aula. Londrina: EDUEL, 2008.
- RANGEL, Sônia. Olho Desarmado: objeto poético e trajeto criativo. Bahia: Solisluna, 2009.
- LABAN, Rudolf von. Domínio do Movimento. São Paulo: Sumus, 1978.
- LISPECTOR, Clarice. A Cidade Sitiada. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.